

ACTUALIDADE PEDAGÓGICA DAS CARTAS DE CLENARDO

*Fernando Patrício de Lemos**

Com mil desculpas, permitam-me que comece com um lugar-comum: vivemos esmagados pela crise de fim do milénio, vacilantes na fé em valores que supúnhamos imorredoiros, submersos no imediatismo de imagens transitórias, carentes de esperança que solidamente avalize o futuro. Dadas as nossas raízes seculares, mais do que alguns outros, sentimos particular dificuldade em aceitar o preço elevado que de nós exige um mundo tecnológico, onde só é real aquilo que a televisão transforma em imagem. Multiplicaram-se os canais que podem entrar dentro de nossas casas, mas, apesar do recurso a parabólicas, corremos alto risco de sistematicamente encontrar na caixa mágica o mesmo tipo de gente. São políticos e personalidades, sem cultura geral, superespecializados, muitos deles miméticos e *coturnos*, que falam *economês* e anunciam tácticas estratégicas, que tudo sacrificam à real política dos interesses — quase só de cifrões; são dirigentes desportivos, de verbo fácil e atrevido, e atletas super-profissionalizados e principescamente pagos, ávidos de transferências para novos clubes à custa de chorudos contratos, envoltos por multidões espontâneas mas irracionais na sua paixão clubística

* Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

e que extravasam frustrações e recalcamientos; são concursistas e anônimos pseudo-actores que, desejosos de se verem no pequeno ecrã, se deixam apanhar, pedem perdão ou apelam ao juiz que decida, envoltos por um público previamente treinado nas suas manifestações e aplausos, todos caídos na mina armadilhada de contribuírem para um espectáculo barato, que a empresa agradece e promove como amplamente democrático. Referi alguns exemplos ilustrativos da subversão de valores: o notável, hoje, não é a *arête* aquileia ou homérica mas antes o vulgar e imediato. Queria ainda exemplificar a falta de esperança no futuro, recorrendo a paradigma do mesmo tipo: a emissão de 25 de Fevereiro p.p. de *Quem fala assim*, um dos poucos programas culturais que sobrevivem na nossa televisão, e que Francisco Belard comenta no *Expresso* de 5 de Março¹.

Os convidados de Maria João Seixas, distintos intelectuais da área das Ciências Humanas, preferiram um discurso mais próprio da investigação linguística de âmbito universitário do que do meio de comunicação de massas onde estavam presentes. Evitaram a atitude didáctica que deles se esperava e o recurso a linguagem clara e directa que, com fundamento em critérios normativos, denunciasse os atropelos que a nossa língua sofre diariamente por parte de gente que tem obrigação de manifestar competência mínima a falar e escrever bem: jornalistas, locutores, professores, revisores, tradutores. Um estatuto de autoridade profissional que os torna modelos e catalisadores não permite levianas desresponsabilizações. Incompreensiva e inexplicavelmente, apesar de todos os sinais de degradação no uso da nossa língua, ainda não arrepíamos caminho e não se tornou imperiosa a adopção de exigência normativa no ensino do português a nível do primário e secundário. É assim o mundo tecnológico e hostil em que vivemos.

Convém, no entanto, observar que nem toda a nossa incompreensão é justificável. Devemos ter a lucidez do Poeta, quando reconhece que "todo o mundo é composto de mudança / tomando sempre novas qualidades". Impregnados como ele de um espírito realista que, vencendo a tentação da nostálgica fixidez no Passado, olha o Presente e não recusa o Futuro, devemos ser sensíveis às consequências eufóricas e aos frutos bem sazoados, nomeadamente aos benefícios que a facilidade de comunicações nos propicia. A volta ao mundo já não demora nem anos nem oitenta dias, as notícias são transmitidas no próprio instante em que ocorre o acontecimento, esta civilização é um sistema de vasos comunicantes que

1 "Falar assim", in *Expresso* — Cartaz, p. 23.

assume dimensões planetárias. Somos chegados, neste aspecto, à beira do último acto de uma evolução que tem um marco imperecível na gesta lusíada dos Descobrimentos, cumprimento de um Destino, que Pessoa na *Mensagem*² assim define: "Deus quis que a terra fosse toda uma, / Que o mar unisse, já não separasse". Na Europa do século XVI, não obstante a permanência de idiosincracias geradoras de nações já tradicionais e a emergência de divisões religiosas, respira-se um clima de convergência assente nos ideais do Renascimento. Vulgariza-se a viagem, apesar de todo o incómodo e da ausência de qualquer salto tecnológico significativo. Com bastante facilidade, alunos e professores venciam barreiras fronteiriças e mudavam de Universidade ou frequentavam os mais diferentes e longínquos centros culturais. Estão criadas condições determinantes que possibilitam e favorecem o encontro e a partilha de todos os homens cultos. Portugal não se situa então na periferia, é antes o centro indispensável, a ponte que abraça a Europa e o Mundo recém-descoberto. Foi neste contexto que Clenardo, depois de ter gasto a maior parte da sua vida de magistério na Universidade de Lovaina, sentiu necessidade de vencer a sua inabilidade para cavalgar — ele dirá na sua "Carta aos Cristãos"³ *nihil enim umquam uidistis ineptius peregrinante Clenardo* —, dirigiu-se a Paris e mais tarde passou por Salamanca para, em resposta ao convite de D. João III transmitido pessoalmente por André de Resende, interromper amigavelmente o acordo que naquela cidade o ligava a D. Luís de Toledo e chegar a Portugal com a finalidade de ser mestre do futuro Cardeal-Rei, o infante D. Henrique, na Corte de quem esteve durante cinco anos.

Conhecemos bastante bem as vicissitudes da actividade de Clenardo graças a numerosas cartas que dirigiu, ao longo da sua vida, a diferentes personalidades contemporâneas, entre as quais João Vaseu, Látomo, Rutgero Réscio, Joaquim Polites ou Carlos V, e que tiveram uma primeira edição poucos anos após a sua morte. Tem particular interesse, a vários títulos, aquela que, iniciada em Fez, já não conseguiu completar e dirigiu aos Cristãos: não é apenas um manifesto em defesa do ensino do Árabe como pressuposto de uma cruzada assente na convicção racional mas contém ainda, qual testamento não intencional e premonitório, um resumo biográfico porventura denunciador da ingratidão e incumprimento de promessas pecuniárias por parte da Corte Lusitana. Como bem

2 Segunda Parte, "O Infante", vv. 2 e 3. Na ed. da Ática, Lisboa, 1979, p. 57.

3 Cf. Apêndice III, ln. 957.

sabemos e muitos destes pormenores denunciam, não se trata de cartas meramente pessoais, mas de um género literário, na senda de Cícero ou Plínio mas também Horácio, e que podemos igualmente aproximar da prática literária do Diário: entre nós, recentemente, Saramago e Prado Coelho juntaram-se aos indefectíveis Torga e Vergílio Ferreira e ataçaram com mais algumas achas a fogueira deste género clássico.

Clenardo é, na minha opinião, um autor menos conhecido do que merecia e possui virtualidades suficientes para interpelar a nossa prática pedagógica e induzir a sua renovação.

É verdade que Rómulo de Carvalho, na *História do Ensino em Portugal*, não se limita a uma referência fria e ilustra a descrição da pedagogia viva do Brabantino, recorrendo à sua própria voz⁴: o documento XV da Antologia de Textos, em apêndice na obra, é um extracto da atrás citada "Carta aos Cristãos", onde Clenardo expõe a metodologia, de tipo pragmático e muito semelhante à modernamente em uso para as línguas vivas, que empregou em Braga para ensinar Latim. É verdade que Rómulo de Carvalho se serve como fonte de informação de uma obra obrigatória escrita por Manuel Gonçalves Cerejeira, *Clenardo e a Sociedade Portuguesa do seu tempo*⁵, cuja actualidade surge reforçada por conter a vernácula e modelar tradução das mais importantes Cartas, nomeadamente aquelas que dizem respeito a Portugal. É verdade que, em 1960, na *Revista da Faculdade de Letras*⁶, num artigo em Francês, Breda Simões, compulsando a edição crítica das suas *Cartas*⁷, que ainda hoje falta nas Bibliotecas Nacional⁸ e da Faculdade de Letras, esboça o retrato do

4 Rómulo de Carvalho, *História do Ensino em Portugal*, Fund. C. Gulbenkian, Lisboa, 1986, p. 841.

5 Coimbra, Editora, 1949 (3ª ed. actualizada).

6 III série, nº 4, pp.56-78: "Un «pédagogue» du XVIIe siècle — Nicolas Clénard".

7 A. Roersch, *Correspondance de Nicolas Clénard*, 3 vols., Bruxelas, 1940-1941. Este trabalho merece referência encomiástica também a Gonçalves Cerejeira, que, talvez exageradamente, escreve na p. 7 da o.c.: "Ora o Autor largara de facto a pena (...) No cuidado de actualizar o livro, encontrei quase tudo feito por A. Roersch (...). O leitor verá que o que há aqui de novo é quase todo dele". Não é este o único passo em que o Professor de Coimbra quis deixar marcas da refundição a que sujeitou a já citada 3ª edição da sua obra; mantém por vezes o texto primitivo e remete para notas os elementos complementares entretanto advenientes (cf. u.g. p. 271 e n.1).

8 Nesta Biblioteca, com a cota Res 374 P, encontrei uma edição do início do século XVII: *Nicolai Clenardi epistolarum libri duo*, Hanoviae, Typis Wecheliani, apud Claud Marnium et heredes Ioan. Aubrii, MDCVI. Numa das primeiras páginas do exemplar foram grafadas duas notas manuscritas (a 2ª foi depois riscada), que revelam disputa ou sucessivas transferências de posse entre o autor dos "Apontamentos para a educação de hum menino nobre" e um tal P. Gouvea. São do seguinte teor: 1ª — "hé de Senhor Martinho de Mendonça de Pina de Proença Homem do lugar de Benespera;

humanista, para reparar o facto de ele ter sido "si injustement oublié des historiens de la pédagogie" (a.c., p. 56). Intervenções, apesar de tudo insuficientes!

Vale a pena, pois, na senda e apoiados no forte bordão que os *clenardólogos* antes referidos constituem, indagar a força pedagógica presente no seu percurso. Neste, é costume evidenciar três aspectos: o humanismo, a metodologia didáctica e a crónica social (Gonçalves Cerejeira dedica a este item o cap. III, de 76 pp.).

Deixei já esparsas algumas notas que comprovam como o nosso homem de Brabante intervém no fervilhante diálogo de ideias do seu tempo. Nomeadamente sobre a Cruzada contra os Árabes a sua opinião, embora dentro da ortodoxia, não coincide com a adoptada oficialmente. Esta sua obsessão pelo contacto directo com a língua e cultura arábica, possivelmente um dos principais motivos de ter preferido Évora a Salamanca e razão, sem dúvida, para arriscada viagem por Marrocos, que o ocupa durante os dois últimos anos de vida, está talvez por trás do abandono a que a Corte Lusitana o votou. Ficaram também já registados nomes de ilustres homens da Renascença a quem dirige as suas Cartas. Mereceria um estudo de âmbito universitário este círculo de relações — incluirá necessariamente as pessoas que menciona⁹ — nomeadamente Damião de Góis e Erasmo, cuja morte ocasionou múltiplas e diversíssimas composições literárias, entre as quais as *clenárdicas*, em ritmo métrico novo de que ele se reivindicava inventor. Tudo isto ele documenta e nos conta na "Carta a Joaquim Polites", datada de Évora, 27 de Dezembro de 1536¹⁰, epístola que suscitou também o interesse de John R. C. Martyn, pois, no último número de *Euphrosyne*¹¹, dela publicou, acompanhado de notas e da tradução inglesa, um extracto significativo. Da leitura desta carta poderemos fácil e naturalmente retirar uma outra sugestão didáctica destinada a alunos de níveis avançados¹². Consistiria

enna a cidade da Guarda. Se se perder lho houverão a Remeter ao dito lugar." 2ª — "Não; depois de ter outro dono que o Comprou o P. Gouvea, pelo seu dinheiro; taberna publica."

[Registe-se ainda que neste exemplar não se notam riscos da Censura, nomeadamente nos passos inventariados por Gonçalves Cerejeira, *o. c.*, p. 31.

- 9 Fazer o elenco dessas pessoas, embora restringido àquelas cartas que apresenta traduzidas, foi um dos trabalhos de Gonçalves Cerejeira (*o. c.*, p. 433).
- 10 Gonçalves Cerejeira destaca em nota a sua importância e pediu ao seu Mestre Martins Capela que a traduzisse. Ocupa na *o. c.*, as pp. 302-320.
- 11 Vol. XXI, MCMXCIII, pp. 375-388.
- 12 Devem ser considerados elementos porventura incluídos em outras cartas, que existem *u. g.* nas dirigidas a Vaseu, de 24.12.1534 e 18.7.1537, ou a Jorge Coelho, de data

no estudo da recepção que a Renascença fez da poesia clássica, inclusive dos seus inúmeros metros líricos, campo em que Horácio, como autor referencial, ocupa um lugar privilegiado¹³. Esse projecto podia ser mais ou menos alargado incluindo outros autores além do Brabantino e composições nas línguas vulgares.

Como metedólogo, Clenardo deixou uma Gramática de Grego, várias vezes reeditada até ao século XVIII, cujo sucesso¹⁴ é confirmado por numerosos exemplares existentes na Biblioteca Nacional e outra de Latim¹⁵. Mas, ao pretender transformar a sua Escola num autêntico *Ludus*, com "o seu método atraente e divertido"¹⁶, em que eram intervenientes como actores os seus escravos Dentudo, Negrinho e Carvão, foi sobretudo um precursor. A Escola dos Jesuítas vai seguir e divulgar muitos destes princípios.

Na análise do valor pedagógico de Clenardo, temos de atender à diferença entre o nosso e o seu tempo, não esquecendo igualmente que, no século XVI, os homens cultos sobre os quais se exercia a actividade didáctica eram falantes de Latim, como atestam os mais diversos testemunhos. Recolhamos aqui o facto narrado por André de Resende na *Vida do Infante D. Duarte*, que Rómulo de Carvalho¹⁷ achou suficientemente significativo para, como declara, o transcrever de Manuel Gonçalves Cerejeira¹⁸. Por acordo entre Clenardo e o infante D. Henrique ficou assente que nas aulas apenas se falaria em latim, decisão que não agradou a D. Duarte, por não se sentir muito à vontade nessa prática, mas bastaram três dias de treino com André de Resende para o infante desempençar

incerta, possivelmente de Janeiro de 1537.

- 13 Refira-se a propósito uma obra de outro espaço lingüístico, empreendida no espírito das comemorações do bimilenário de Horácio, que, como o título indica, compreende âmbito temporal mais vasto: AA. VV. *Horace made new. Horatian influences on British writing from the Renaissance to the twentieth century*, edited by Charles Martindale and David Hopkins. Cambridge, University Press, 1993.
- 14 Maria Helena de Teves Costa [Prieto] escreve : "Após a descoberta da Imprensa, a gramática grega mais usada em Portugal, foi a de Clenardo: Vejamos as edições portuguesas: (...)" in "Livros escolares de latim e de grego adoptados pela Reforma Pombalina dos Estudos Menores", *Arquivos do Centro Cultural Português*, Fund. C. Gulbenkian, Paris, 1979, p. 302, n. 49.
- 15 Rómulo de Carvalho parece estar enganado quando supõe não se conhecer nenhum exemplar (*o.c.*, p. 277, n. 59), pois Breda Simões, na p. 69 do a.c., apresenta o frontispício de um existente na Biblioteca de Évora, 2ª edição (Coimbra, 1546). Também Gonçalves Cerejeira (*o.c.*, p. 272, n. 1) se refere a esse mesmo e acrescenta "que há mais" (cf. ainda p. 251 e n. 1).
- 16 A expressão é de Rómulo de Carvalho, *o.c.*, p. 235.
- 17 *o.c.*, p. 194.
- 18 *o.c.*, p. 71, n.1.

a língua e de novo readquirir o antigo hábito. Sendo hoje os nossos objectivos diferentes, não podemos copiar as metodologias de Clenardo e muito menos opormo-nos como ele fez às línguas modernas. Mantêm, no entanto, plena actualidade os princípios subjacentes, que na época eram verdadeiramente revolucionários: a atenção aos alunos, aos seus interesses e ao ritmo de aprendizagem, a interacção pedagógica entre os alunos, o suscitar o jogo e o prazer, a compreensão do texto na sua globalidade e contexto, antes da análise gramatical esmiuçada e fatigante. Não será descabido lembrar que o método da leitura funcional pretende a compreensão do texto na sua globalidade e no respeito pelas unidades minimamente significativas, que nunca se devem separar.

Importa, por fim, analisar as qualidades jornalísticas do Brabantino cronista. O que já foi dito deixa adivinhar, além do humanista seguidor da máxima *homo sum; humani nihil a me alienum puto*¹⁹, uma personalidade interessante, optimista, divertida, sociável — é verdade que não gosta muito do ambiente artificial da corte —, completamente diferente do *plagosus Orbilius*. Falando, por outro lado, exclusivamente Latim que dominava bem e assim, por adopção, se tinha tornado língua materna, possuindo um estilo de fino recorte, limado no contacto permanente com os clássicos, não admira que nos tenha deixado um retrato sociológico do Portugal de Quinhentos, extenso e claro, e que não se circunscreve a ambientes escolares. Relativamente a estes, impressionou-o favoravelmente o da Universidade de Coimbra, quando aí assistiu à aula de Grego de Vicente Fabrício, que nessa língua comentava Homero²⁰. De um modo geral, porém, a sociedade portuguesa chocou-o negativamente. Sensível à dimensão económica, não compreende como o país se pode manter com preços tão altos (*Omittam in primis nullam esse regionem, ubi tanta fit rerum omnium caritas*)²¹, com falta de gente que se dedique à agricultura (*Si usquam neglectui habita fuit agricultura id potissimum locum apud nos habet*)²² ou a ofícios; censura sobretudo hábitos de ostentação em que as pessoas sacrificam o bem-estar pessoal e doméstico à salvaguarda da aparência de uma moral rígida que não permite a entrada no café ou ao alardear de espavento exterior, manifesto por exemplo numa multidão incontável e inútil de servos (*Et quid quaeso tanto opus est numero? Etsi*

19 Terêncio, *Heautontimorumenos*, 77.

20 "Carta aos Cristãos" in A. Roersch, *Correspondance de Nicolas Clénard*, nº 63, p. 234, ln. 1080.

21 Cf. Apêndice I, ln. 69.

22 Cf. Apêndice I, ln. 73

ocium agant omnes, nemo tamen caret officio.)²³ A hilaridade atinge o auge quando descreve estalagens onde, a falta de tudo — cama e comida — lhe proporciona a descoberta do prazer gastronómico de um petisco que desconhecia e se tornou a partir de então companheiro obrigatório das suas viagens: as cebolas assadas²⁴.

Sobre os nossos ombros pesa a tarefa de não deixar cair no esquecimento todo este manancial que mantém e suscita interesse. De alguma forma como contribuição prática para essa empreitada, nas *Actas* do Colóquio, as frases latinas antes citadas fora do seu contexto textual constam inseridas em extractos mais alargados²⁵, até para permitirem o seu uso nas aulas. Mas, reconheçamos, não é fácil a renovação do cânon das leituras escolares pois pressupõe uma atitude de inconformismo perante textos pré-preparados, prontos a servir, que se requeentam numa espécie de fornos micro-ondas, impõe constante pesquisa em busca de instrumentos mais úteis e adequados ao tempo, exige reflexão ponderada para abandonar e substituir textos com tradição secular. Mas, se eles não forem lidos por nós na Escola, perder-se-ão as oportunidades de os divulgar e de criarmos da nossa actividade uma outra imagem consentânea com a convicção da actualidade das Línguas e Cultura Clássicas. Se Clenardo não constituiu personalidade de referência quando se implantaram métodos didácticos classificados como modernos, se o seu testemunho não foi considerado para descrever o ambiente de Portugal no século XVI em tantos trabalhos de comemoração dos Descobrimentos, se o Brabantino não consta do elenco dos "Byrons" que se pronunciaram, normalmente dizendo mal, sobre os nossos costumes e nós temos o prazer masoquista em publicar, a culpa é nossa, que não cumprimos esta função fundamental de mediatização.

Importa terminar e agradecer-vos-á que o faça *ex abrupto*. Mas, contagiado pelo optimismo empreendedor de Clenardo, ainda consegui descobrir no mundo que nos rodeia um sinal de optimismo revelador das ambiguidades e limites da civilização tecnológica: o disco de Canto Gregoriano do Mosteiro de Silos atingiu um número de vendas absolutamente excepcional em muitos países da Europa, foi mesmo *best-seller* u.g. em Espanha. Paraphraseando Isaías, a cana ainda não está completamente quebrada, aticemos a chama que ainda fumeja.

23 Cf. Apêndice II, ln. 293.

24 Cf. Apêndice IV, ln. 1039.

25 Para mais fácil e adequada referência, nos textos que constituem os quatro apêndices, mantive a numeração das linhas que vem na ed. de Roersch.

APÊNDICES

I

FALTA DE AGRICULTORES E ARTÍFICES. EQUIVALÊNCIAS MONETÁRIAS.

— Quid? inquires, quingentos Rhenenses tu tam parui ducis? —
Hanc enim summam conficiunt centum millia nummorum Lusi-
tanica. Omittam in primis nullam esse regionem ubi tanta sit rerum
70 omnium caritas, non dicam pluris esse Rhenensem Louanii quam
hic ducatum aureum, eo demittam orationem unde propius scopum
peregrinationis meae colligas. Si usquam neglectui habita fuit agri-
cultura, id potissimum locum apud nos habet. Audis principio
75 praecipuos populi neruos admodum debiles, deinde si qua gens
ignauo ocio dedita est, nisi sit Lusitanica, nulla est prorsus. Loquor
de nobis hic potissimum, qui ultra Tagum incolimus, et Africam
propius olfacimus. Quod nisi externorum et nostratium turba
mechanicas istas artes hic exerceret, puto, aegre uel calcearium,
80 uel tonsorem haberemus. Sed commodum mentionem tonsorum
fecimus, hinc enim uel maxime res nostras aestimabis. Audi ergo
non e tonstrina de lippis fabulam, sed quam damnosam mihi
barbam fecerit Hispania: et quemadmodum olim quidam e barba
metiebantur philosophos, ita e barba tu mea, sapienter coniecturam
facito, quam onustus et beatus isthuc recurram. Cum essem
85 Salmanticae... Verum praestat, opinor, ut ante omnia rationem
numismatis constituamus, deinde mittes in digitos, quot ego hic
emitto e loculis. Ducatus in Castella ualet undecim regalia, hi
nummi sunt argentei, forsitan Budaeus quatuor aestimaret sester-
titiis: non datur Salmanticae minus quam semi regale, cum ego

90 quondam Petro Formoso tonsori octonarium praerberem, qui tamen
 multo tenerius et blandius caput mulceret, et multo lenius duceret
 nouaculam, quae mihi hic subinde lacrymanti nonnunquam
 nimium sonat, scilicet ut sit musica in luctu. Non miror plures esse
 95 barbatos in Hispania, quam sint in in Flandria. Pergamus tamen et
 numeremus dispendia barbae. Ducatus Lusitanicus aestimatur
 quatuor Testonibus: nummi sunt isti argentei, quales apud nos qui
 uocantur Dormitores. Isti Testones continent Vigenos quinque
 numulos paruulos, qui plus minus ualeant stuferum duplicem
 nostratrem. Dicti sunt autem quod numulos aereos faciant uiginti:
 100 hic ergo uicesima pars nummi uigeni, Regale uocatur. Quo tamen
 nomine Castella undecimam partem uocat sui ducati. Diuidam
 adhuc, quia forsitan usui erit si fabulari perseuerauero. Regale
 Lusitanicum continet Sectilia sex. Epilogum faciam, Ducatus,
 testo, uigenus, regale, sectile.

(Da Carta a Látomo, Évora, 26 de Março de 1535,
 na ed. de Roersch, nº 24, p. 52)

II

MESQUINHOS RABANÓFAGOS EM CASA, ESBANJADORES OSTENSIVOS NA RUA.

Venit hic in mentem cuiusdam, unde coniecturam facies de cae-
 teris. Is, quem tibi depingere uolo, simultates exercebat cum
 homine (credo) Gallo, qui huc migrauerat tempore regis Ema-
 nuelis, ascitus in familiam Leonorae reginae. Lusitanus fastu
 275 externo uincebat, Gallus coenabat lautius; et (ut fit) non ignarus
 istorum morum, curiositate quadam et arte nactus est libellum, in
 quo alterius referebantur sumptus diurni. Incidit in locum satis
 ridiculum, et plane Lusitanicum. Cum enim sic quotidie scriptum
 esset "in aquam quatuor sectilia, in panem duo regalia, in
 280 raphanum sesquiregale", et ita tota hebdomada tam magnificis
 impensis decurreret, ratus aliquanto lautiozem futurum diem
 Dominicum, sic scriptum repperit: "hodie nihil, quia in foro non
 erant raphani".

285 Eiusmodi, chariss. Latome, fastuosos ραφανοφάγους multos
 hic reperias, et tamen plures secum foris trahunt famulos quam

domi consumant regalia. Imo credo hic esse, quorum census non est maior meo, attamen octo utuntur asseclis, quos utcumque, si non grandi cibo, fame tamen sustentant, et aliis fouent rationibus, quas ego stupidus nunquam discere potui. Nec magni negotii hic est inutilem turbam conquirere seruorum, quod omnia potius ferant, quam artem discant mechanicam.

— Et quid, quaeso, tanto opus est numero? — Etsi otium agant omnes, nemo tamen caret officio. Duo praecedunt; tertius gestat galerum; quartus pallium, si forte pluat; quintus equi capistrum; sextus holoserica sandalia; septimus scopulas illas quibus uestes repurgantur a pilis; octauus pannum quempiam, ad abstergendum equi sudorem interim, dum dominus audit sacrum aut confabulatur cum amico; nonus pectinem promit, si forte honoratior sit salutandus, ne incomposito appareat capillitio. Quae uidimus, testamur.

(idem, p. 58)

III

PARTIDA DE ÉVORA, EM DIRECÇÃO A BRAGA. ESTALAGEM DE MISÉRIA.

Iam annus instabat quartus, et adornabamur ad profectionem Braccarensem, ubi meus Princeps Archiepiscopus Braccarensis, rem Ecclesiasticam constituere, et cogere Synodum uolebat, instaurandis moribus, utcumque hic illic colapsis. Ego modis omnibus abhorrebam ab itinere, rursum in Louaniense ueternum redactus, et diuturna quiete peregrinandi artem dedoctus, nihilque non causabar, quo liceret permanere mihi interim Eborae, uertitus, ut ingenue fatear, ne per uiam inter proceres aulicos essem ridiculo. Nihil enim umquam uidistis ineptius peregrinante Clenardo; tanquam ad amussim praeceptum seruaueram mei Marci, ut toto triennio nihil didicissem aulae, nisi quod nossem ubi esset aula. Hoc tamen effeci, ut postquam illi discessissent, subsequerer sine arbitris meorum vitiorum, et impunius peccarem submotis testibus.

Tantum Ioannes Paruus, tum canonicus Eborensis, cuius supra memini, ad sesquihoram comes fuit, ut subinde moneret quomodo tractarem frenum: nam in obliuionem abierat. Is pro sua humanita-

965 te uinum suppeditauerat, quod tertio demum die nobis futurum
 esset usui: tum enim iter facturi eramus per uastissimam solitudi-
 nem, ubi uix media uia casula sita erat perquam exigua. Sed
 priusquam in illud desertum ingressi sumus, pridie sera nocte
 970 diuersorium subiuius, quod unum par fuisset expiando Erasmo,
 sic infamanti Germaniam. Hordeum non erat iumentis, et uix
 palearum portio paruula. Foris sub dio stabulabantur, nos farcinis
 utebamur pro sellis, aut humi sedebamus. Coena plane fuit dubia,
 quod incertum erat an cogermur ieiunare. Vinum non desidera-
 batur et panis abunde suppetebat. Sed homini Brabantino
 975 congruunt et alia obsonia. Eia conferamus nos cubitum, siquidem
 cras ante diem abeundum est, alioqui pernoctabimus in Siruecca:
 sic uocant eam solitudinem. Age fiat. At neque lectus, neque locus
 ullus dabatur, ubi somnum caperes. In angustissima domuncula,
 ferme iumentorum oneribus oppleta, dormiendum erat. Praeter
 980 Gulielmum ministrum, tres seruos adduxeram Aethiopes, Dentonem,
 Nigrinum, et Carbonem; nam sic eos nominauit Resendus.
 Hos inter, partim stans, partim sedens, partim suspensus, et cubito
 farcinis innixus, sic quiescere conabar, ut nihil aliud expectarem
 quam mulionis clamorem, qui foris delitiabatur in strato gramineo.
 985 Itaque paulo post noctis conticinium, impatiens morae, licet
 somnolentus, reliquos excitare coepi.

(Da Carta aos Cristãos, incompleta, Fez, c. 1540- 1541,
 na ed. de Roersch, n° 63, p. 230)

IV

À CEIA, NA MARGEM DO TEJO AURÍFERO, CEBOLAS EM VEZ DE PERDIZES.

Vix tandem tantum itineris perpassi, conspecta casula, laeti
 festinabamus ad prandium, et noctis superioris damna pensauimus,
 995 cohortantibus etiam mulionibus et omnia prospera pollicentibus,
 simulatque traiecto Tago uenissemus Tancos, qui pagus nos
 manebat ad uesperam. Vinum, gallinas, perdices, capones, carnes
 arietinas et bubulas, ferme Siculas mensas nobis decantabant, adeo
 ut exhilarati prolixius etiam hauriremus Bacchum illum Ebo-
 1000 rensem, ferme me faece tenus siccata lagena.

Verum extrema gaudii luctus occupauit, grauesque poenas dedimus laetioris conuiuii. Siquidem ad ripam Tagi nox aduenientes occupauit, nec licebat iam traicere. Ibi in muliones stomachatus sum, quod diutius protractum fuerat prandium. Quid ageremus? Vnum
1005 erat diuersorium, quod parum cogitauerat de nostro aduentu.

— "Heus, inquam, hospes, habesne paleas?" Obambulabat Polyphemus Titanicum obtuens, et ne uerbum quidem respondens. Rursum ego:— "Domine, inquam, suntne paleae nostris iumentis?" Vix tandem et aegre: "Nescio", inquit. Sic et caeteri circumcursitabant, partim exonerandis iumentis, partim quaerendis paleis: plus enim equis timebamus quam nobis. Iam praeteriebat semihora, cum nunciat mulio domum plenam esse plearum. — "Vtinam, inquam, essem Rex Lusitaniae, hunc hospitem in crucem adigerem"; et simul circumspiciebam, si quid in culina situm esset
1010 ad focum. — Quid coenabimus, hospita? — Nihil, inquit, habemus. — Nihil prorsus? — Nihil. — Occidatur gallina. — Non alo gallinas ut uobis occidantur. — Suntne oua? — "Quaeram." At nihil iuentum est. — Nihilne capitis piscium accolae fluminis? — "Quis, inquit, comederet pisces die carniuum?" O quantum mihi acuebatur bilis. Profecto si praesens fuisset Rex ipse tortoris munere fuisset functus, et fortassis imitatus Anthropophagos.

— "Gulielme, sternatur mensa." Appositum est salinum, et unus atque alter panis, cum interim intentissimos haberem oculos in ollulam, quae adstabat igni. — Et quid, inquam, illic coquitur?
1025 — Est, inquit hospita, laridum. — "Cedo mihi quippiam iuris"; ut scilicet intinctum panem coenarem. — "Non. Famuli opus habent." At partem laridi summis precibus obtinuimus, credo unciam unam, adeo ut me recusum suspicarer et factum Italum, ubi locis quibusdam carnes ueneunt unciatim. Irritatus stomachus, et uelut semuncia
1030 leuiter perstrictus, appetebat laridum: et — Nihilne praeterea, inquam, domi est laridi? — Est. — Coniiciatur in ollam, aut super prunas assetur. — "Carnes porcinae, inquit hospita, sub noctem laedunt stomachum." O ueneficam cum tua istac medicina! Pruriebant dentes Gulielmo Hollando, Clenardo Brabantino. Et ad
1035 muliones conuersus: — "Vbi, inquam, sunt perdices, quas somniauimus in prandio?"

Illi uero cepas rodebant crudas et nihil indignabantur: quin et consilium dabant, ut aliquot assas ipse comederem. Haec enim sacra uidebatur anchora. Earum condimentum est oleum cum

- 1040 aceto. Oleum maligne praebitum fuit: acetum uero non erat in
 acerbissima domo, nisi quod eiusmodi nobis promebant uinum, ut
 facile nomen tueretur aceti. Hoc ergo oleato condiuimus cepas,
 quas tam repperi sapidas, ut deinceps contra omnes casus aduersos
 et malam fortunam, hoc unum circumferrem in sarcinis remedium.
- 1045 Atque utinam assatae fuissent complures, tam eram ea nocte
 famelicus, credo propter iram immodicam bene digesto prandio.
 Commodum in mentem uenit ut panis laminas tostas madefacerem
 uino, rogabamque numquid reliquum esset uini Eborensis. — Non,
 inquit Gulielmus; nam plusculum laetati fuimus in prandio. — "At
 1050 uide", inquam; ut scilicet uel reliquias odoriferi Bacchi dilutas
 aqua inspergerem pani. Inuenimus semiscyphum, et his bellariis
 cohonestauimus opiparam coenam, magno nimirum malo, quod
 post illud obsonium magis etiam latrare coepit stomachus. Sed
 quia iam omnia fueramus periclitati, et nihil eduliorum restabat,
 1055 saltem aliquid solatii nox ostendebat quod in molli strato quiesce-
 rem. — Gulielme, inquam, paretur lectus et abeamus dormitum. —
 Non, inquit hospes, opus est lecto mensibus his aestiuus. — At
 mihi, inquam, opus est, non assueto cubitare uel humi, uel super
 nudas tabulas. — Non, inquit hospita, lectum habemus. — O Lusi-
 1060 tani, inquam apud me, cur sinitis ista falsa manere uocabula?
 Vocatur diuersorium, ubi nec comedendi, nec dormiendi datur
 facultas. Post disceptationem longam, reuoluti ad preces blandio-
 res, summis conatibus uix impetrauimus speciem quandam lecti.
- 1065 Postridie, subducta ratione, didici cur Tagum scriptores appela-
 rent *auriferum*. Tanti constitit umbra coenae cum lecto, quanti
 magnificum apud Brabantinos epulum. Quare, si quis auri uenas, aut
 arenam auream hactenus in flumine non repererit, mihi credat
 dictum esse *auriferum* quod aureum abstulerit e nostris oculis.
 Nam et hoc poeticum est simplex usurpari pro composito, ut apud
 1070 Iuuenalem: "Ponamus nimios gemitus", hoc est deponamus.

(idem, p. 232)